



1290000340



FE

TCC/UNICAMP OL5e

Jenaí (Jey) Olmos

**O Espaço chamado FORMARE
e a Educação na Empresa**

600834304

- CAMPINAS, SP -

2002

Jenaí (Jey) Olmos

**O Espaço chamado FORMARE
e a Educação na Empresa**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentação como exigência parcial para
obtenção da Graduação em Pedagogia da
Faculdade de Educação da Universidade
Estadual de Campinas, sob a orientação
da Professora Doutora Olga Rodrigues de
Moraes Von Simson.

- CAMPINAS, SP -

2002

FE
TCC-UNICAMP
OLSe
340
124/2003
x
11,00
07 11.03
Bib. Id. 310459

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

OLSe	<p>Olmos, Jenai. O espaços chamado Formare e a educação na empresa / Jenai Olmos. -- Campinas, SP: [s.n.], 2002.</p> <p>Orientador : Olga Rodrigues de Moraes von Simson. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1. Empresas. 2. Educação não - formal. 3.* Responsabilidade social. I. Simson, Olga Rodrigues de Moraes Von. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p>02-214-BFE</p>
------	---

Aos eternos: Ynayá A. dos Santos e
Benito Daniel Olmos Hernandez Jr.

Aos meus irmãos Ynalva e Jeffrey, à família do Benito, à prof. Dra. Olga, aos colegas de Unicamp da turma 99 noturna, agradeço aquela força dada por vocês naquelas horas especiais...

É gostoso concluir este trabalho; obrigada a todos !

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. METODOLOGIA

3. UNIVERSO DA PESQUISA

4. REFERENCIAL TEÓRICO

5. PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA

6. A VISÃO DO FORMARE PELOS SEUS PROTAGONISTAS

7. CONSIDERAÇÕES

8. BIBLIOGRAFIA

9. ANEXOS

1. INTRODUÇÃO

Para situar a minha pesquisa, inicio com um trecho do Artigo 1º, parágrafo 2º da LDB (de 20/12/96) que diz que “A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.” (grifo meu). Este artigo introdutório demonstra como no Brasil a escola formal pública tem um forte vínculo entre o trabalho e a educação.

Segundo Romanelli (1984), desde a revolução industrial até os dias de hoje, a classe dominante capitalista tem tido interesse na educação-treinamento para satisfazer uma necessidade básica nem sempre suprida, dos meios de produção. Tal como pode ser visto nas fábricas, onde os trabalhadores sempre precisaram de algumas habilidades, para operacionalizar a produção, melhor capacitando esta força, que mais adiante se transformaria em capital, para a elite dona dos meios de produção.

Neste momento, faz-se necessário esclarecer que o currículo, ou seja, a seleção do conteúdo daquilo que deve ser ensinado é um exercício de poder de um grupo específico, pois só este grupo determina “uma identidade ou subjetividade como sendo a ideal” e sendo assim, é preciso compreender que qualquer que seja o currículo, este não é nunca desinteressado ou neutro (Silva, 1999, pp.16).

Por trabalhar dentro de uma empresa é estar inserida neste contexto e ainda, como desde o início deste curso na Faculdade de Educação, me interessei muito pelos autores e textos que discutiam o mundo do trabalho e sua amplitude dentro

do corpo social e mais especificamente, as suas relações com a educação, tentei focalizar algum tema, dentro deste ambiente, que me levasse a querer descobrir mais.

Thompson (1998) vem ao encontro dessa minha busca e concorda com a minha vontade de entender melhor a minha realidade quando ele diz que a experiência é estruturada em termos de classes, comportamento e gerada na vida material. Portanto a experiência cotidiana é fundamental para se desenvolver um trabalho coerente dentro de toda conceituação histórica que a proposta curricular vem nos apresentar.

Felizmente e muito oportunamente, me deparei, na empresa em que trabalho, com uma proposta educacional que objetiva lidar com adolescentes menos favorecidos da comunidade. Entrei em contato então com o espaço chamado Formare, espaço que é denominado pelos seus fundadores e coordenadores como sendo uma franquia social.

Qualquer tipo de franquia pressupõe uma venda de uma tecnologia, um modo de se fazer algo que pode ser repetido em outras instâncias (lojas, restaurantes). Assim, o programa Formare pode ser vendido a quaisquer empresas que queiram repetir e utilizar o know-how adquirido no Formare, no que diz respeito ao trabalho social dentro das empresas.

Imediatamente quis entender este espaço, quais eram as características e objetivos e principalmente como ele se encaixava na teoria apresentada nos

meus quatro anos de faculdade. Como suporte teórico para entender as bases utilizadas no programa Formare me valido de um recorte da sociologia da educação quanto a três formas de educação: informal, formal e não-formal. O autor inicial para estas análises foi Afonso (1992), que foi fundamental para compreender os três campos nos quais a educação se realiza ao longo de toda a vida de um indivíduo.

Segundo Afonso (idem acima), “por **educação formal**, entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada seqüência e proporcionada pelas escolas, enquanto que a designação educação informal abrange todas as possibilidades educativas do decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a **educação não-formal** embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém das escolares) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa sua finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita a não fixação de tempos e locais e a flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto”.

Assim, para a análise desta pesquisa estarei discutindo as formas organizadas de educação que são a educação formal e a não formal e não utilizarei a educação informal que não trará contribuições para o contexto aqui em questão.

2. METODOLOGIA

A abordagem desta pesquisa será qualitativa, no entanto, que tipo de pesquisa qualitativa? Segundo Lüdke e André (1986, cap. 2) há 5 pontos básicos para a constituição da pesquisa qualitativa:

1. O ambiente natural, como fonte de dados e o pesquisador, o principal instrumento;
2. Dados coletados são primariamente descritivos;
3. O processo é mais importante do que o produto;
4. O pesquisador deve se atentar para as significações dos envolvidos;
5. A análise tende a ser indutiva.

O espaço educacional chamado Formare seria o ambiente natural deste caso e ele parece ser resultante desta nova tendência dentro das empresas de responsabilidade e franquia social (ver anexo 4). Por se tratar ainda de uma entidade específica, utilizada em determinadas empresas - apesar do número de espaços franquizados já ser considerável - a pesquisa desta iniciativa educacional se apresenta como importante para o campo da educação não-formal.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que se valerá de duas técnicas fundamentais para esse tipo de investigação:

1. Observação participante;

2. As entrevistas com os envolvidos na atividade observada, tentando ouvir atores sociais de todos os níveis;
3. Análise de material escrito do espaço Formare (material didático, apresentação etc.);
4. Análise de material escrito produzido pela empresa "franqueadora" do Formare (Raposos, 2002).

Neste sentido busca-se, segundo Lüdke e André (op. Cit):

1. Visar a descoberta;
2. Interpretar um contexto;
3. Retratar a realidade de uma forma profunda;
4. Usar uma variedade de fontes;
5. Permitir generalizações naturalísticas;
6. Procurar representar diferentes pontos de vista da situação social;
7. Utilizar uma linguagem mais acessível.

Para analisar este caso, é preciso destacar os seus atores, observá-los (com um diário de campo), entrevistá-los através de um roteiro pré-escrito, recorrer à memória oral dos participantes (Simson, 1996), procurar descobrir os diferentes pontos de vista, pesquisar sobre os formuladores da proposta do Formare, como esta instituição foi criada, como é sustentada, quais são os objetivos declarados, angariar documentos produzidos pela instituição, buscar imagens fotográficas que registrem o trabalho do Formare e tentar entender como tal iniciativa se vincula às demais que tentam relacionar educação e trabalho.

Tentarei seguir o papel de pesquisador "participante e observador" no qual a preocupação é construir pontes entre o pesquisador e os pesquisados no sentido de tornar claros os objetivos da pesquisa, envolvê-los no trabalho e garantir que os resultados da mesma serão devolvidos ao grupo pesquisado.

3. UNIVERSO DA PESQUISA

O Formare é o nome do espaço de educação dentro da empresa para a capacitação profissional de jovens carentes da comunidade e a iniciativa é da fundação lochpe-Maxion, baseada em S.Paulo, que conta ainda para realizar tal objetivo com um convênio com a CEFET Paraná.

A lochpe-Maxion é uma empresa do ramo automotivo e foi quem iniciou esta experiência dentro de suas fábricas e optou por repassar, perante pagamento, esta experiência a outras empresas que queiram constituir espaços educacionais dentro da nova visão empresarial de marketing social (para ler uma crítica sobre o marketing social, ver anexo 4).

O CEFET um Centro Federal de Educação Tecnológica, órgão responsável pela educação formal básica, média, técnica e de graduação, todas voltadas para a área técnica, dentro de um amplo programa federal de formação de mão-de-obra especializada para a indústria.

A fundação lochpe-Maxion chama este espaço, existente desde 1988, de uma franquia social que objetiva a ajuda social aos adolescentes menos privilegiados da comunidade. Estes jovens, ao passarem pelo programa do Formare, adquirem certificação de nível profissionalizante como assistentes de fábrica ou de administração no nível básico-técnico.

O suporte financeiro da Formare se dá através de duas formas: por meio da venda de franquia social e através das mensalidades de manutenção pagas pelas empresas que compram esta franquia. Dentro das empresas, todo o gasto com infra-estrutura, hora dos educadores, material didático, dentre outros, fica por conta da própria empresa. São muitos Formares já em funcionamento e os responsáveis pretendem aumentar as atuais 23 unidades para 100 unidades até o final de 2003.

A Formare analisada, que funciona na empresa Mahle (de Mogi Guaçu), foi inaugurada em Março de 2002 com um número de 22 alunos (ideal proposto pela fundação é de 20 pessoas) na faixa etária de 15 a 17 anos. Para selecionar estes educandos, cada empresa aplica uma prova padronizada, previamente elaborada pela fundação. Além disto, há a obrigatoriedade de que estes jovens estejam inscritos no sistema educacional formal e, por fim, há a análise da situação econômica das famílias destes candidatos. Trata-se de adolescentes que não trabalham na empresa e que não são filhos de funcionários, devem estar cursando a escola formal noturna, não havendo garantia de emprego na empresa ao final do programa.

Quanto aos educadores, estes são profissionais da empresa, pessoas com formação, as mais diversificadas, que passam por dois dias de treinamento para capacitação, treinamento este dado pela psíco-pedagoga da fundação. Os conteúdos do programa são pratico-teóricos com o apoio didático da fundação através de manuais - que podem ou não ser usados pelos educadores - ,

complementados com aulas expositivas e ainda com práticas fabris e administrativas, *in loco*.

A duração deste programa é de um ano, com o horário das 7:30h às 17:00h (o mesmo horário da fábrica, lembrando que os educandos frequentam a escola formal noturna) e conta com alguns benefícios extras para os alunos. Estes benefícios são de livre escolha de cada empresa financiadora e, no caso aqui pesquisado, a Mahle oferece plano de saúde (Unimed), alimentação na empresa no horário de almoço, no meio da manhã e no meio da tarde e um salário mínimo por mês além de apoio na colocação profissional, após o término do curso.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

No contexto atual, este tema da responsabilidade social e marketing social das empresas parece se encaixar em uma nova experiência que começa a ecoar na linguagem empresarial, a se ampliar nos departamentos pessoais destas instituições (Afonso, 2001, pp. 34 e 35) e também na mídia (ver anexo 4). Ele se liga à visão das "learning organizations" (Afonso, idem acima), na qual as empresas se tornam também promotoras de centros de aprendizagem, isto é, espaços de educação não-formal.

Percebemos, na história das empresas, muitas tendências diferentes de gestão. Enquanto metodologia científica, a primeira forma de gestão clássica se inicia com o modelo Taylorista (Antunes, 1995) e depois com o modelo do Toyotismo (Antunes, idem acima), passando pela noção de empresa ecologicamente correta (Rosa, 1992) e agora, muito recentemente no Brasil, com uma noção de gestão com responsabilidade social. Neste sentido, segundo Raposo (2002), a empresa presta um serviço social, ao tentar buscar "soluções para a superação das desigualdades sociais brasileiras", como também ao tentar permitir o acesso dos menos favorecidos aos "bens e serviços mínimos a uma vida digna".

São utilizados nesta pesquisa autores que discutem o mundo do trabalho, a sua contextualização histórica e suas relações com o corpo social, tal como em Antunes (op.cit). No âmbito da filosofia, para fazer uma discussão das idéias hegemônicas versus as vontades e necessidades locais, há o diálogo com Chauí (1980), Gramsci (1978) e Nudler (1975).

Na perspectiva histórica e dos movimentos humanos através do tempo, daquilo que se prega e se espera em determinados momentos versus aquilo que acontece de fato nos núcleos sociais menores, nos valemos de Thompson (1981 e 1998) e Romanelli (1984) que trazem valiosas contribuições nesse assunto.

Quanto aos conteúdos escolares, são consultados Silva (1999), Bastos (2001) e a LDB (1996). Freire (1983 e 1985) traz um frescor à motivação pedagógica que ajuda a desconstruir olhares pré-concebidos. No campo da sociologia da educação e da educação formal versus a educação não-formal, faz-se a leitura de Afonso (1992, 2001) e Simson (2001). Estes textos são a ignição e o pano de fundo do trabalho teórico.

5. PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA

Imediatamente várias perguntas surgiram relacionadas a esta forma de educação dentro da empresa:

- Qual os objetivos da empresa ao ajudar esses adolescentes ?
- Nesse processo, que já tem vinte e quatro anos de funcionamento, teriam descoberto mais uma maneira de, não só cobrir os gastos com esses programas sociais mas, além disso, gerar novos rendimentos para a empresa ao difundir essa franquia social entre empresas com mesmas preocupações, ligadas ao "marketing" social ?
- Estariam preocupados em formar mão-de-obra especializada para suas próprias atividades e das empresas, para as quais tercerizam determinados processos produtivos ?
- Estariam desenvolvendo programas sociais voltados para as comunidades circundantes às suas fábricas no sentido de criar uma relação positiva entre a cidade e a empresa ?
- Estariam preocupados em construir uma visão positiva da sociedade em geral, em relação à empresa encarada como uma empresa-cidadã, dentro da nova visão que alarga as responsabilidades sociais do empresariado ?

- Qual seria o ponto-de-vista dos educandos sobre este espaço ?
- Os dois pontos de vista, da empresa e dos educandos, estariam sintonizados ?
- Qual a característica marcante dos educadores deste ambiente ?
- E os pontos de vista desses educadores ? Estariam sintonizados com os da empresa e dos educandos ?

Diz Gramsci (1978) que “O nível de linguagem é diretamente proporcional ao nível de concepção do mundo... no mínimo deve-se conhecer a língua nacional muito bem”. Dentro do Formare, a constante e circunscrita linguagem do trabalho como conteúdo permeador das suas atividades com os jovens, não estaria delimitando as concepções de mundo destes educandos e restringindo-os a este universo ?

Remetendo ainda a Nudler (1975), que possui a hipótese “de que a educação contribui, dentro de uma sociedade alienante, para alimentar a formação de um paradigma pelo qual a consciência do homem fica marginalizada daqueles aspectos que lhe são mais vitais” e “um dos mecanismos pelos quais a educação ‘tradicional’ oculta a realidade é a ênfase unilateral à palavra em detrimento da observação sistemática e da experiência vivida”. Assim, será que este espaço estudado estará permitindo aos educandos que experimentem e observem

sistematicamente aspectos de sua identidade cultural permitindo a eles também uma expansão de seu universo cultural ?

Esse tema da expansão do universo cultural, não restrita ao mundo e a valorização excessiva ao mundo do trabalho, se mostra bastante importante, tal como é relatado por Jaime Pacheco (Fava, 2002; ver também anexo 5) em artigo que diz: "homens e mulheres – que tiveram uma educação formal mais rígida e em consonância com a educação familiar de valorização do trabalho assalariado, como a única maneira de realização do ser humano, começaram a apresentar sintomas significativos de depressão, quando tiveram que se aposentar".

Será que elementos relevantes para as realidades sociais e culturais dos educandos estão sendo desvelados e discutidos ? Será que está havendo espaços e linguagens amplas, não circunscritas ao mundo do trabalho para evitar a valorização excessiva da cultura fabril, permitindo a valorização dos demais aspectos humanos ?

Bastos (2001) demonstra ainda a dificuldade de se implantar a gestão democrática dentro do contexto brasileiro devido, em sua opinião, à nossa história de concentração de poder, a qual não favorece o exercício da autonomia, da construção coletiva de lideranças em várias frentes, da divisão de responsabilidades.

Será que no Formare está sendo instigada aos estudantes a autonomia com responsabilidade promovendo as possibilidades transformadoras dela decorrentes?

Faz-se importante lembrar o que diz Chauí (1980) sobre o processo de aprendizagem, "... é um trabalho de reflexão que se esforça para elevar uma experiência (não importa qual seja) a sua inteligibilidade, acolhendo a experiência como indeterminada, como não saber (e não como ignorância) que pede para ser determinado e pensado, isto é compreendido".

E ainda, Thompson (1981), afirma que a experiência humana é a grande responsável por fazer com que as pessoas recuperem certas reflexões que permearam seu cotidiano social de vida, tal como: relações enquanto necessidade / interesses, e recuperem-se assim como sujeitos de sua história. Os educandos estarão sendo estimulados a pensar sobre as suas experiências cotidianas e sobre o próprio processo educacional a que serão submetidos para elevar esta experiência ?

Não obstante, ainda no terreno da cultura, devemos observar o público alvo de experiência educativa e não nos surpreendermos caso "estes (educandos) pareçam seres estranhos à convivência; talvez pelo constante contato com realidades tão diversas no mundo contemporâneo" e a partir disto, "pensar a diversidade como tema e desafio nos quais os conflitos emergem, diante das colocações explicitadas" (Souza, Park e Fernandes, 2001). Terão os educadores

e coordenadores do Formare este cuidado em compreender e refletir sobre a cultura do público alvo ?

Lançar um olhar sobre este espaço, então, trata de se analisar um momento histórico do capitalismo atual, das relações do mundo de trabalho com a sociedade na qual ele se insere, do mundo do trabalho e suas relações com a escola, e também observar as vidas de alguns jovens educandos menos favorecidos explicitando as suas expectativas e sentimentos sobre si mesmos e sobre este mundo do trabalho.

Entender como a empresa, enquanto espaço de trabalho, encara estes jovens e como os educandos vêem a empresa, seu introdutor no mundo do trabalho, constitui uma das questões dessa pesquisa.

Trata-se de construir uma visão histórico-sociológica desse processo educacional; de recuperar as próprias experiências sociais, de pesquisar qualitativamente um lugar, as pessoas que ali circulam, porque circulam e como se relacionam entre si e com a instituição, na forma na qual ela se apresenta naquele momento. Segundo Lüdke e André (1986), “um dos desafios atualmente lançados à pesquisa educacional é exatamente o de tentar captar essa realidade dinâmica e complexa do seu objeto de estudo, em sua realização histórica”.

6. A VISÃO DO FORMARE PELOS PROTAGONISTAS

Alem de muitas conversas informais, além da observação do pesquisador em sala de aula e nas demais atividades do grupo alvo, também foram realizadas nove entrevistas cobrindo todo o espectro social do programa Formare. Ouvimos três educandos, três educadores e três coordenadores do Formare. Do corpo de coordenadoras, uma delas é ligada à coordenação geral que é diretamente ligada à fundação lochpe-Maxion e duas coordenadoras entrevistadas eram ligadas diretamente às empresas.

Apesar de iniciarmos o processo de entrevistas com os educandos, foi percebido um certo receio por parte deles em se expressarem abertamente, talvez um receio de que as respostas dadas não fossem corresponder às expectativas por parte do pesquisador ou por parte do corpo coordenador do Formare, caso estes últimos tivessem acesso às entrevistas. Poderia ser também um certo desconforto frente a uma nova situação na qual nunca haviam sido submetidos. Desde o início, foram informados sobre o que seria tratado na entrevista, que sua identidade seria mantida em sigilo e qual era o objetivo daquelas perguntas, no âmbito da pesquisa.

Por outro lado, os educadores e as empresas / coordenação pareciam bastante seguros e sem medo de expor as suas idéias, talvez porque exista um entrosamento muito grande entre coordenação e educadores o que produziria um discurso homogêneo sem possíveis desequilíbrios capazes de tornar visíveis fraquezas da proposta.

Em comum entre educadores e educandos foi o interesse demonstrado por ambas as partes a respeito da educação não-formal, no momento em que as entrevistas chegavam neste ponto. Nenhuma das partes sabia do que se tratava e faziam muitas perguntas sobre o tema, ao contrário dos representantes da empresa / responsáveis pela coordenação que não indicaram vontade em se aprofundarem no assunto.

Nas entrevistas tanto com educandos como com os educadores, muitos comentários interessantes surgiram e algumas discrepâncias também, como nos exemplos abaixo.

Chamou a atenção, por exemplo, o fato de uma educanda não conseguir entender, a priori, a relação entre prazer e escola (ou espaço educacional). Perguntando várias vezes, de formas diferentes e exemplificando situações, este indivíduo não conseguia relacionar, exemplificar ou lembrar-se do sentimento de prazer relacionado aos processos educacionais: “não tô entendendo...como assim?”.

Em relação às discrepâncias, ressalto, por exemplo, uma noção dos educandos em relação aos educadores e vice-versa; enquanto os educandos elogiam os educadores de uma maneira geral, inclusive porque os mesmos estão fornecendo de forma voluntária seu tempo e conhecimentos (“mais atenção na vida da gente”, “o professor é um amigo”), um dos educadores se mostrava um tanto frustrado por ter sido “obrigado” a ministrar aulas para o grupo, sendo informado uma

semana antes, que teria de dar aulas no Formare: “eu não sabia que ia dar aula; uma semana antes é que me avisaram....não vou ficar correndo atrás de aluno, são eles que têm que correr atrás de mim”.

Ainda assim, em geral, senti, por parte de todos os protagonistas, envolvidos no Formare, um certo orgulho. Dos educandos, de poder comentar na sua comunidade e família, o fato de estarem fazendo parte de uma empresa grande, muito conhecida na cidade, bem como poderem divulgar aos amigos e conhecidos os conteúdos adquiridos ali, conhecimentos estes que de alguma forma parecem possuir um certo status na sociedade. O orgulho dos educadores parece advir do fato de se sentirem úteis, junto aos menos favorecidos e poderem estar contribuindo para o bem-estar da sociedade como um todo.

Da parte da empresa, e da coordenação que a representa, o sentimento parecia ser o mesmo, enquanto que não foi possível detectar, através da pesquisa, a existência de uma consciência, entre os entrevistados, das vantagens financeira ou mercadológica do Formare para esta empresa. No material de pesquisa colhido, relacionado ao Formare, pode ser também constatada uma suposta falta de incentivos fiscais relacionados ao programa. De acordo com Raposo (2002, pp. 11) em entrevista à revista da empresa, ela reafirma que “o Brasil carece de uma política fiscal que impulse o investimento social. O principal desafio continua sendo construir um ambiente fiscal mais favorável à participação das empresas...”.

A Visão dos educandos

- Em relação ao objetivo do espaço comentaram:

“Deixar (a gente) preparado para o serviço”; preocupação com o social; “prestar serviço para a população de baixa renda”; dá uma base sobre o mercado de trabalho que a escola formal não oferece; “dar sabedoria, ensinar o que sabe”; na Formare há maior aplicabilidade dos conteúdos; “empresa não é só lucro e sim cuidado com o público (ecologia, motivação)”; empresa se beneficia (mas não sabe como).

- Em relação aos objetivos pessoais tanto relacionados ao programa, como além dele; comentaram:

“Sair mais preparada para o serviço”; “me sustentar”; “adquirir diploma”; ter experiência profissional; “terminar uma faculdade”; “abrir uma academia”; “poder dançar”.

- Local onde sentiam mais prazer ao aprender: escola formal noturna ou Formare ?

Sentiam mais prazer no Formare , pois conforme dito: as disciplinas são mais diferenciadas e menos monótonas, exceto “a matemática é parecida com a da escola” segundo um deles; os educadores são mais interessados nos educandos (“os professores estão ali por que querem”); na escola formal o interesse é nos conteúdos; a infraestrutura é melhor (ver fotos abaixo); “não sei porque é melhor, mas é”; o diálogo educador-educando é menos autoritário; os educadores vêem os educandos como amigos; têm mais autonomia junto à coordenação do que na

escola formal; as mudanças propostas são efetivadas (ao contrário da escola formal); entendem a relação da matéria com a prática; uma aluna que, a princípio, não entendeu a pergunta e relutou muito para tentar compreender que poderia haver ao menos um espaço na escola formal ou no Formare que apresentaria elementos que gerassem alguma satisfação para os educandos (este comentário indica que no programa Formare não foram pensadas atividades sociais que permitissem maior integração entre os educandos e destes com os educadores, a coordenação talvez necessitasse ampliar os horários e espaços que ultrapassem a atividade educacional mais formalizada -festas, confraternizações, viagens, gincanas, etc-); um educando teria mais prazer ainda se pudesse ter dança no Formare.

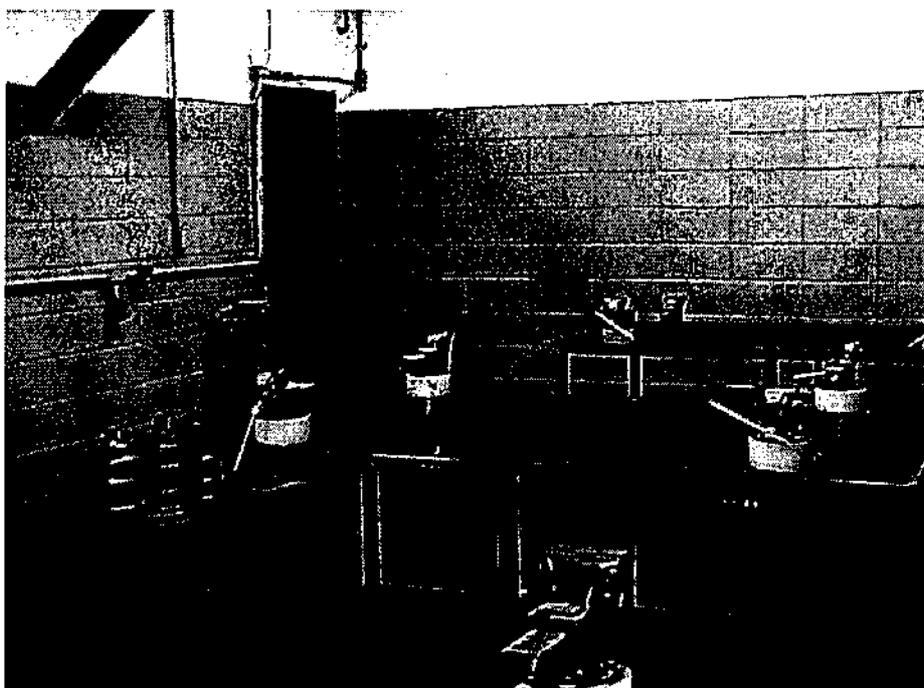
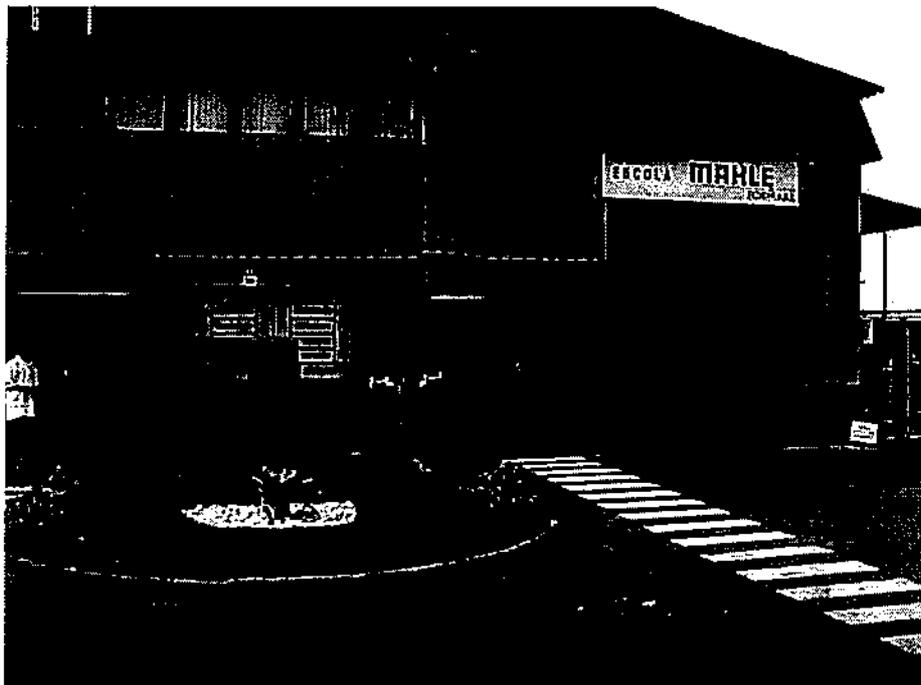
- Gostariam de discutir sobre outros assuntos extra currículo nestes espaços educacionais (escola ou Formare) ?

Deram vários exemplos do que gostariam de discutir / ampliar em relação aos conteúdos da escola formal enquanto que, na Formare não conseguiam opinar, talvez por não ousarem fazer críticas e sugestões sobre um espaço que apenas estão adentrando e no qual poderão encontrar no futuro um primeiro posto de trabalho. Na escola formal queriam ter mais autonomia para sugestões sobre o currículo e mais diálogo com a coordenação, saber mais sobre o mercado de trabalho e sobre as profissões e queriam ter mais acesso à leitura de romances e literatura.

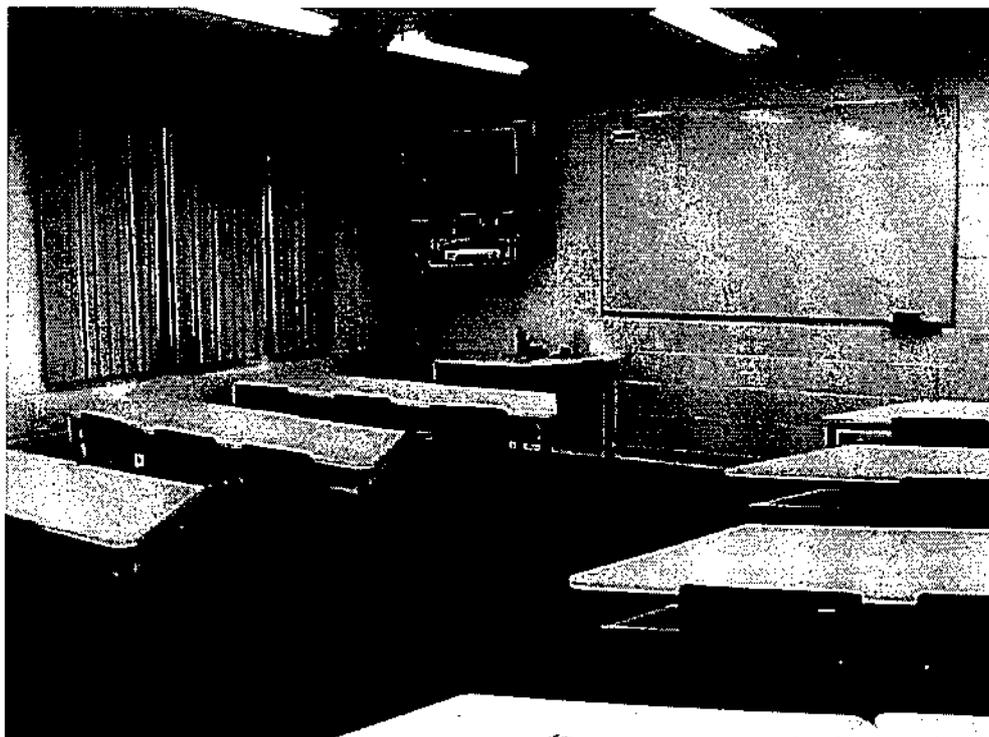
- Tem noção sobre a educação não-formal ?

Os educandos declararam não ter noções sobre esse tipo de educação.

FOTOS DA INFRAESTRUTURA



FOTOS DA INFRAESTRUTURA



A Visão dos educadores

Dos três educadores entrevistados, dois são homens na faixa etária de trinta anos enquanto que uma é mulher na faixa de vinte e poucos anos. Todos ocupam cargos de nível médio ao alto dentro da empresa, sendo que um tem formação em engenharia (que chamarei de educador 1) e está na empresa há oito anos, o outro educador tem nível técnico (que será o educador 2), está cursando a faculdade e tem cinco anos de empresa e há a educadora (que chamarei de educadora 3) que também cursa a faculdade, estando ela na empresa há quatro anos e todos são de origem da classe média e média baixa.

Todos os três educadores têm experiência anterior em ministrar aulas e atualmente continuam a dar aulas nos seus horários livres sobre os mesmos conteúdos que ministram no espaço Formare.

Pode ser observado que os educadores 1 e 2 apresentavam sintonia com o programa criando uma visão positiva do mesmo, enquanto a educadora 3 (justamente a que havia sido convocada a participar da experiência contra a sua vontade) se apresentava altamente crítica em relação à mesma. Assim, não foi possível determinar a representatividade da atitude dessa educadora em relação ao conjunto de voluntários.

- Em relação ao objetivo do espaço comentaram:

Todos confirmaram ser o objetivo capacitar jovens carentes para entrarem no mercado de trabalho; oportunizar experiências práticas nas áreas empresariais.

- Em relação às motivações pessoais comentaram:

Os educadores 1 e 2 se mostraram motivados, pois já ministram aulas e têm prazer nesta profissão; o educador 1 comentou ainda estar se sentindo útil à sociedade; a educadora 3, por outro lado disse: "posso falar ?... vou falar e ser sincera, não sinto uma motivação pelo projeto, pois não sinto que os alunos estão interessados, pelo menos metade não está", e ainda, "eu não sabia que ia dar aulas...fiquei sabendo uma semana antes".

- Há prazer por parte dos educandos neste sistema ?

Enquanto os educadores 1 e 2 afirmam que os jovens se sentem motivados e têm liberdade para discutir assuntos pessoais e de interesse próprio no âmbito das atividades do Formare, a educadora 3 não sabe se há prazer e desconfia de que se trata de um esquema muito carregado envolvendo educação não-formal, trabalho e educação formal para a idade do público. Ela aponta também que há pouco interesse e motivação, por parte dos jovens no conteúdo ensinado.

O comentário adicional do educador 3: "os alunos são como na empresa, têm os interessados e têm os que estão ali para cumprir o horário...alguns (educandos) selecionam aquelas matérias que interessam mais e prestam mais atenção nestas matérias, só que na empresa você não pode escolher o que mais interessa, você tem também que assimilar o que não gosta". Este educador vê com naturalidade este comportamento dos educandos e não analisa estas atitudes dos mesmos como algo negativo.

- Foram treinados e possuem material de apoio ?

Segundo os educadores 1 e 2 eles foram treinados enquanto a educadora 3 não achou que foi treinada adequadamente ("não teve nada, me deram umas apostilas, que eu nem li por causa da faculdade"). Os educadores 1 e 2 dizem que possuem material orientativo, mas este não é adequado (aos educandos e ao tempo disponível), portanto usam material adaptado enquanto que a educadora 3 mencionou que na sua disciplina não há material orientativo e ela também adota o material que acredita ser o mais adequado aos alunos.

O educador 2 já com experiência em educação formal achou que "precisavam de mais treinamento", pois alguns tópicos (por exemplo: "nivelar professor e aluno", "quebrar a rotina") apresentados neste treinamento, oferecido pela coordenação da Formare, foram muito interessantes e ele crê que outros educadores precisariam de mais reforço no lidar com os educandos.

- Momentos de insucesso e sucesso:

Os dois educadores que apresentam sintonia nas análises referentes ao programa, não se lembravam de momentos de insucesso. Na experiência da educadora 3 , os alunos reclamaram para a coordenação que ela era muito rígida e ela ficou "desmotivada no começo mas , agora para o final" não ficou mais. Ela teve um momento de sucesso quando soube que uma educanda que não gostava da sua disciplina antes de ter contato com esta educadora e após as aulas no Formare, a educanda passou a gostar muito da disciplina e foi se aprofundar na matéria além dos espaços do Formare.

Quanto ao sucesso, o educador 2 mencionou a união criada entre os educadores, os bons sentimentos que surgiram deste companheirismo como também o similar relacionamento que surgiu entre os educandos.

- Tem noção sobre a educação não-formal ?

Os educadores não têm noção sobre a escola não-formal apesar de se mostrarem interessados no assunto: "Jey, o que que é isso ?", "o que é a educação não-formal ?", "interessante", "o que seria ?".

A Visão das empresas e coordenação

Foram entrevistadas três coordenadoras, sendo que uma é chamada de coordenadora geral, pessoa esta ligada diretamente à fundação lochpe-Maxion enquanto que as demais coordenadoras são denominadas de coordenadoras locais, pois são funcionárias das empresas franqueadas no Formare. A coordenadora geral fica e trabalha em São Paulo, no escritório da fundação lochpe-Maxion e as demais coordenadoras trabalham nos locais onde as empresas estão situadas.

- Em relação ao objetivo do programa Formare comentaram:

Contribuir com cursos profissionalizantes; ajudar jovens não-filhos de funcionários; ajudar jovens das classes menos privilegiadas; "devolvê-los à sociedade como profissionais e cidadãos"; contribuir com a imagem da empresa junto à comunidade; não há benefícios fiscais diretos, entretanto, ganham mão-de-obra qualificada, segundo uma coordenadora local: "aproveitamos em torno de

90% dos alunos formados...ganhamos em qualificação da mão-de-obra"; melhorar a motivação de funcionários através do voluntariado; construir nova visão de empresa inserida em um escopo mais amplo de cunho social.

- Há um mínimo do currículo a ser cumprido ?

Sim e, tem que ser cumprido sendo controlado por auditorias não determinadas quanto à sua freqüência e formada pelos coordenadores locais do programa além de poderem ser visitados pelo CEFET. Há também diários de classe e avaliação do CEFET para garantir este controle. Segundo a coordenação geral, referente à frequência: "não queremos ser muito rígidos mas também não queremos afrouxar". Sobre a avaliação: "não há regra... o educador é responsável...a coordenação aconselha e direciona".

Segundo ainda o manual de treinamento do Formare para os educadores, a avaliação do CEFET juntamente com a coordenação geral do programa deve acontecer duas vezes ao ano. Os educadores confirmaram que eles são responsáveis pela avaliação dos conteúdos dados mas nenhum dos educadores entrevistados havia sofrido alguma contra-verificação a respeito das atividades propostas por eles na sala de aula.

- Qual a capacitação dos profissionais ?

Além de sua formação e experiências profissionais, há mais 16 horas de treinamento específico.

- Tem noção sobre a educação não-formal ?

Não têm, no entanto não houve interesse em indagar mais sobre o assunto.

7. CONSIDERAÇÕES

Faz-se necessário retomar algumas perguntas iniciais de problematização deste trabalho no que diz respeito à relação entre o mundo de trabalho e a educação. Como esse mundo do trabalho vê os jovens aqui em questão, bem como, estes adolescentes percebem a empresa e a iniciativa aqui apresentada.

Como as noções de educação formal em oposição à educação não-formal ou como a possível complementaridade entre ambas são ainda relativamente recentes no campo da pedagogia, percebemos que tanto a coordenação, como os educadores e educandos do Formare não possuíam clareza quanto à experiência que vêm desenvolvendo sob tal aspecto. Portanto faz-se necessário aclarar tais conceitos para, a partir deles, discutir alguns desencontros que observamos na realidade pesquisada.

Segundo Afonso (1992), há várias diferenças entre os espaços escolares que ele nomeia de formal e os espaços de educação não formal. O autor expõe que a escola formal caracteriza-se por um caráter compulsório, dão ênfase à instrução, favorecem o individualismo e a competição, visam a manutenção do status quo, preocupam-se essencialmente com a reprodução cultural e social, são hierárquicas e fortemente formalizadas, dificultam a participação, utilizam métodos centrados no professor-instrutor, subordinam-se a um poder centralizado. Ou seja, esta concentração de poder que não favorece o desenvolvimento do exercício da autonomia, da construção coletiva, de lideranças em várias frentes, da divisão de responsabilidades (Bastos, 2001).

Em um caminho completamente diferenciado, apresenta-se a educação não-formal: possui caráter voluntário, promove a socialização e solidariedade, visa o desenvolvimento, preocupa-se essencialmente com a mudança social, é pouco formalizada e hierarquizada, favorece a participação, proporciona a investigação e projetos de desenvolvimento e é descentralizada (Afonso, op. Cit).

Há neste tipo de educação “a preocupação com as questões sociais” e uma busca “voltada para a reconstrução da auto-estima” deste público em situação de risco e marginalidade (Simson, Park e Fernandes, 2001). Ainda, segundo as autoras, este espaço caracteriza-se por lidar com profissionais voluntários e as principais atividades envolvem uma ampla gama de disciplinas oferecidas, estas geralmente ligadas às artes, consciência corporal (lutas, danças, esportes) e cursos profissionalizantes, sempre buscando responder às demandas dos educandos.

Pode ser notado no programa e nas diversas entrevistas (coordenação, educadores, educandos) sobre o Formare que e a educação ali proposta, engloba itens das duas categorias constantemente entrelaçados o que provoca uma certa discrepância entre eles. Enquanto promotor de educação, o Formare não pareceu ter muita clareza em relação aos pontos acima levantados e o tipo de educação que propõe. Ora, os protagonistas falavam e objetivavam o Formare como um espaço de educação não-formal e ora discursavam tipicamente sobre a escola formal.

Abaixo citados são alguns exemplos sobre características de educação formal que aparecem no programa Formare.

- **Centralização, hierarquização, caráter compulsório e assimetria nas relações**

Dos educadores: "são eles (os educandos) que têm que ir atrás do que querem saber...não vou ficar atrás de aluno"; os educandos não se esforçam muito principalmente "nas matérias que não têm interesse ... eu (educador) me esforçava muito mais"; "há direcionamento de cima para baixo".

Da coordenação: "não queremos ser muito rígidos mas também não queremos afrouxar"; "ele (o currículo) tem que ser cumprido na íntegra".

Do material do programa (anexo 2): é demonstrada a grade curricular pronta, desenvolvida pelo CEFET juntamente com a coordenação geral e coordenação locais nas empresas, suprimindo assim às demandas da empresa e não havendo a construção coletiva e divisão de responsabilidades junto aos alunos e educadores.

- **Manutenção do status quo e preocupação com a reprodução cultural e social**

Dos educadores: "a falta de consciência dos alunos da importância do espaço... eles (educandos) não têm idéia da importância que a matéria tem na empresa"; "os jovens são muito agitados e despreocupados"; o objetivo é "dar (aos educandos)aprendizagem técnica"; "na empresa....tem que assimilar o que não gosta também".

Da coordenação: "devolvê-los (os educandos – devolver à sociedade) como profissionais"; "ganhamos....mão-de-obra", devemos "tomar cuidado para não concorrer com Senai, Senac".

Do material do programa (anexo 2): é apresentado como símbolo do programa uma pedra lapidada. No material de treinamento para os educadores esta pedra é novamente apresentada como o conceito de trabalho a ser usado com os educandos. Esta pedra, que representa os educandos, é inicialmente bruta e passa por um trabalho de transformação para que ao final do processo esta pedra (aluno) se apresente totalmente lapidada.

A pedra nunca pode se transformar sozinha; ela necessita da intervenção humana para ser transformada. As simbologias são fortes, pois a pedra bruta é como a tabula rasa, ou seja, ela está em uma condição bruta, primária aguardando ser trabalhada por um agente externo para que fique na condição esperada, conformada, acabada.

O educando então seria alguém sem bagagem cultural, alguém bruto, nu, primário, sem vontade própria, sem possibilidades transformadoras, que fica

adormecido até que outro alguém o desperte (educadores, programas educacionais). Este educando ficaria aguardando que alguém transmita algo para que ele seja modificado. Este agente externo seria o único responsável por modificar este educando e transformá-lo naquilo que convém ser con-formado e após esta intervenção, o trabalho é encerrado, pois o produto (educando) estaria então acabado, completamente formado.

Este simbolismo apresentado acima demonstra uma incoerência com o que diz o mesmo material mais adiante: "Antes ao professor cabia apenas transmitir o conhecimento de forma pronta e acabada...agora espera-se que ele seja mediador entre os alunos e conhecimento, facilitando a aprendizagem".

Mas, passa-se ao discurso relacionado à educação não formal quando todos os sujeitos indagados, ligados ao Formare, falaram sobre a importância de se transformar a vida dos educandos, da necessidade de se diminuir o fator de risco na vida deles, de construir significantes para as suas realidades e maiores motivações para que acreditem nas suas potencialidades e possam desenvolver ferramentas de transformação de suas vidas. Segundo material do Formare: "A história pessoal do aluno deve ser considerada no processo de ensino", "a aprendizagem deve ser significativa" para o educando, "o autoconceito do aluno influi em sua capacidade de aprender", portanto a auto-estima dos educandos deve ser reconstruída e deve haver "ênfase na exploração e descoberta", isto é, na construção do conhecimento.

Entretanto, tudo isto centrado ao mundo do trabalho, tal como interessa ao empresariado, não se preocupando em desenvolver outros talentos (artístico, científicos, políticos ou culturais) que os constituam como cidadãos com ampla autonomia e responsabilidade. Ainda de acordo com o material da Formare: "Não se trata de preparar o indivíduo para exercitar procedimentos mecânicos, mas de adquirir capacidade para raciocinar sobre modelos produtivos, para compreender a realidade da produção, avaliando tendências e reconhecendo seus limites".

Novamente aqui aparece uma alternância de objetivos para os educandos. Ressurge a dúvida sobre o objetivo e o foco do processo: Estaria a educação no Formare ligada à capacitação profissional (o que não, necessariamente, significaria algo negativo) ou o enfoque está no aluno e capacitá-lo para a auto-reflexão, crítica e poder transformador ?

Para que esta formação mais completa possa ser alcançada, necessário se faz em primeiro lugar, ouvir as demandas dos educandos e, através delas, incorporar, ao processo educativo a bagagem cultural que trazem de suas famílias e dos grupos sociais onde foram formados.

Como exemplo, das demandas por parte dos educandos, durante as entrevistas, um educando insistia que gostaria que houvesse dança na sua escola formal ou no espaço Formare. Colocando este capital cultural em diálogo com os objetivos do programa se constituiria uma formação mais ampla na qual as diversidades culturais e de interesses estariam contempladas. Estas são de fato características

de uma educação não-formal, não centralizada, não reprodutora de modelos e não hierarquizada, que denominamos de educação não-formal.

No Formare, os conteúdos são elaborados por um órgão distante (tanto da empresa, quanto do mundo dos educandos) em conjunto com profissionais da empresa, capacitados e adaptados, a priori, para o mundo fabril. Existem manuais orientativos sobre os conteúdos contemplados nesta grade curricular (anexo 2) os quais entretanto, nem sempre podem ser seguidos. Nota-se ainda a rigidez nos horários, na presença quantificada e na avaliação oficial. Há ainda uma punição salarial para aqueles que não se enquadram às regras ditadas pelo corpo diretivo do Formare e da empresa financiadora, o que torna ainda mais formal e compulsória a participação nesta proposta educativa.

Assim, apesar da auto-estima dos educandos parecer estar sendo valorizada indiretamente pelo status da empresa na região, como pode ser notado nas observações do capítulo “visões dos protagonistas”, a metodologia não pareceu ser clara e não pareceu estar objetivando este critério. A reapropriação, significação e relevância do mundo cultural dos educandos não aparece na pauta do processo educativo aqui discutido e, portanto fica uma pergunta sobre a valorização efetiva da cultura individual e de grupo que permita o respeito à diferença, aos tempos de cada um, que pode ser explicitada numa resistência aos conteúdos em debates, que proponham inovações e ou resignificações, enfim, transformações no conteúdo da educação proposta, que certamente não se mostra de caráter transformador mas, sim, mantenedor do *status quo*.

Por outro lado, há de se nomear como bastante positiva, a iniciativa de empresas privadas aqui envolvidas em assistir e se preocupar com a formação para o trabalho das camadas menos privilegiadas, para que estas possam subsistir e participar integralmente como sujeitos sociais, ainda que a serviço do capital.

Sem dúvida, há também de se notar, como benéfica a oportunidade dada de se experimentar a prática concreta do trabalho na empresa, além dos ganhos materiais que os educandos recebem ao longo do curso, itens estes que devem ter grande valia no seu dia-a-dia, ao mesmo tempo em que apresentam um reforço positivo nas suas trajetórias de vida.

A intenção é boa mas a metodologia e a prática dos processos educacionais não contemplam esta intencionalidade. Ao analisar este contexto, percebe-se que o mesmo apresenta muitas variantes complexas e contraditórias ficando o sentimento da falta de aporte teórico e conseqüente construção de um processo educativo que apresente a amplitude acima proposta.

Não foi possível detectar no Formare momentos de favorecimento do exercício da autonomia, da divisão de responsabilidades junto aos protagonistas deste espaço, da construção coletiva de lideranças que visem uma transformação social, seja na comunidade de onde provem, seja no âmbito da própria empresa, entretanto, segundo Bastos (2001), esta é uma característica do ensino na cultura brasileira, a da concentração de poder que não favorece a gestão democrática dentro dos espaços educacionais.

Segundo o material impresso, a missão do programa Formare é de "desenvolver as potencialidades de jovens de populações de baixa renda para integrá-los à sociedade como profissionais e cidadãos" mas as palavras dentro da mesma frase se contradizem, pois como desenvolver potencialidades ao mesmo tempo em que se restringe as possibilidades criativas dos educandos e que se circunscreve os jovens ao mundo do trabalho ? Pois, segundo Gramsci (1978), "o nível de linguagem é diretamente proporcional ao nível de concepção do mundo..." e o espaço Formare restringe os seus alunos ao mundo do trabalho quando nos momentos educacionais, bem como no material escrito, existe a constante linguagem do mundo fabril como conteúdo permeador das atividades, valorizando este universo em excesso.

Para Jaime Pacheco (Fava, 2002; ver anexo 5), esta valorização excessiva do trabalho assalariado pode levar o trabalhador à depressão quando este se depara com a ausência desta prática sistematizada em sua vida, tal como o autor observou junto aos trabalhadores aposentados. Esta é uma das resultantes possíveis para a vida dos educandos. Além desta questão de saúde, dois outros autores apontam problemas morais e éticos decorrentes da não discussão, durante os processos de ensino-aprendizagem, dos aspectos mais amplos da vida, aspectos aqueles que vão além do mundo do trabalho.

Para Nudler (1975), a educação "tradicional" pode contribuir para que "a consciência do homem" fique "marginalizada daqueles aspectos que lhe são mais vitais", ou seja, o tipo de educação formal e profissionalizante do Formare pode acarretar em uma alienação dos educandos retirando dos mesmos a sua

capacidade de refletir e questionar sobre os vários aspectos da vida e mais grave, reprimir a reflexão que possam ter sobre as suas próprias vidas.

O segundo autor que relata problemas em relação à uma educação puramente profissionalizante é Goergen (2002), que diz que "os currículos precisam conectar-se com a vida num sentido mais amplo, com a preservação da vida de um modo geral, superando o lado danoso do profissionalismo contemporâneo cujo conceito de sucesso está ligado apenas à performatividade profissional e, por este lado, à competição que, pela falta de oportunidade para todos, está, por sua vez, ligada à eliminação dos outros... o currículo precisa conectar e não desconectar o aluno ao fato de estar no mundo, e conectá-lo com a responsabilidade que isto representa... o estudo não deve render o aluno ao estabelecido, apenas instrumentalizando-o para que possa ter sucesso em meio à miséria, mas ajudá-lo a abrir os olhos para que veja estas contradições e se sinta também responsabilizado pela sua superação".

As empresas aqui em questão, assim como também a coordenação da Formare, se mostram preocupadas com a miséria e a desigualdade social e intencionam ajudar através deste processo educativo, no entanto, há aspectos danosos resultantes desta iniciativa, que nada contribuem para a diminuição dos problemas sociais brasileiros uma vez que a educação de caráter formal e profissionalizante provoca outras distorções de caráter moral, ético e de saúde conforme esses autores acima citados.

Esta pesquisa não encerra o assunto. Ao contrário, ela tenta trazer à tona alguns aspectos contraditórios que podem ser mais profundamente analisados para que, independentemente do meio no qual ela se processa, a educação não seja organizada e pensada somente através do assistencialismo, voluntarismo ou espontaneísmo (Afonso, 1991, pp. 92).

Fica uma sugestão de se trabalhar com uma equipe maior de estudiosos da educação (sociólogos, pedagogos, psicólogos etc...), pessoas que possam iluminar a experiência com o que há de mais novo na teoria e indivíduos melhor preparados para propor soluções e apontar contradições que possam emergir no corpo de certas iniciativas, que, embora voltadas para adolescentes das classes populares, respondem em primeiro lugar às demandas das classes hegemônicas e, só em segundo lugar e de forma parcial, às expectativas e desejos dos educandos.

Por fim, um outro aspecto que surge na pesquisa é que o programa Formare envolve trabalhadores da própria empresa em cargos de nível médio para cima que já tendo realizado uma certa ascensão social são capazes de desenvolver um sentimento de geratividade, isto é, de preocupação com a formação das novas gerações. Muitos por provirem das classes populares e já terem alcançado posições de classe média apresentam certa preocupação em relação às oportunidades fornecidas aos jovens da classe de onde vieram. Esses sentimentos são capitalizados pela empresa e transformados em potencialidade educadora através do curso de capacitação (de dezesseis horas) oferecido antes da sua inserção como educadores no programa Formare.

Assim eles assumem um sobre trabalho que resulta em benefícios para a empresa, tanto no campo de sua posição como liderança social como no fornecimento de mão-de-obra especializada formada internamente para a própria indústria como também para indústrias coligadas. Para os educadores voluntários resta sua consciência tranquilizada, um certo status junto aos seus colegas e superiores e uma liderança maior entre os subordinados.

Não obstante, seria interessante que estes educadores fossem além da busca deste sentimento tranquilizador e que observassem com mais profundidade o público alvo dessa experiência educativa para que soubessem incorporar positivamente as diferenças culturais dos educandos ao trabalho educativo (Souza, Park e Fernandes, 2001) e para que a partir disto, pensassem "a diversidade como tema e desafio nos quais os conflitos emergem, diante das colocações explicitadas" (Souza, Park e Fernandes, *idem* acima).

Retomo Chauí (1980) que diz que o processo de aprendizagem, "... é um trabalho de reflexão que se esforça para elevar uma experiência (não importa qual seja) a sua inteligibilidade, acolhendo a experiência como indeterminada, como não saber (e não como ignorância) que pede para ser determinado e pensado, isto é compreendido". Portanto, estando os educadores refletindo e dialogando sobre o universo cultural dos educandos, eles estariam ajudando a mediar o processo de aprendizagem desses educandos e ajudando a elevar a experiência dos mesmos, ao mesmo tempo em que estariam valorizando os elementos relevantes para as

realidades sociais e culturais desses jovens, permitindo assim um aprendizado mais significativo e de maior poder transformador.

Segundo Goergen (2002), "o estudo não precisa só juntar conhecimentos e ensinar habilidades úteis profissionalmente, mas ajudar a pensar mais claramente, a sentir mais profundamente e a agir mais humanamente...todas estas dimensões requerem uma visão de globalidade do mundo e do humano."

8. BIBLIOGRAFIA

AFONSO, Almerindo Janela, *Sociologia da educação não-escolar: reactualizar um objeto ou construir uma nova problemática ?*, IN ESTEVES, A. J. e STOER, S. R. (orgs.), "A sociologia na escola – professores, educação e desenvolvimento", Porto: Ed. Afrontamento, 1992

AFONSO, Almerindo Janela, *Os lugares da educação*, IN SIMSON, O. R. M. von, PARK, M. B. e FERNANDES, R. S. (orgs.), "Educação não-formal – cenários da criação", Campinas: Ed. da Unicamp / Centro de Memória, 2001

ANTUNES, R., "Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho", S.Paulo:Cortez; Campinas: Ed. da Unicamp, 1995

BASTOS, J.B., *A Gestão democrática que começa na sala de aula*, IN BASTOS, J.B. (org.), "Gestão Democrática", RJ: DP&A – SEPE, 2001

CHAUI, M., "Ideologia e educação", São Paulo: Educação e Sociedade, 1980

FAVA, A. R., *O ônus do ócio*, IN Jornal da Unicamp, nº 191, Campinas, 23-29/Set/2002

FENELON, D. R., "Trabalho, cultura e história social: perspectivas de investigação", São Paulo: Projeto história, 1985

FREIRE, M., "A Paixão de conhecer o mundo", RJ: Paz e Terra, 1983, pp. 53-123

FREIRE, M. "Refletindo, praticando, vivendo com as crianças da Vila Helena"
(1985)

GOERGEN, P., "A universidade em tempos de transformação", Palestra apresentada na Comissão Central de Graduação (site da Pró-reitoria de Graduação da Unicamp: www.prg.unicamp.br; capturado em 27/11/2002)

GRAMSCI, A., "Concepção dialética da história", S. Paulo: Ed. Civilização Brasileira, 1978, pp. 13

LDB, Lei no. 9.394/96 – Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Emenda Constitucional no. 14/96

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D., "Pesquisa em educação: abordagens qualitativas", S.Paulo: EPU, 1986

NUDLER, T. B., *La educación y los mecanismos ocultos de la alineación*, IN "Crisis en la Didáctica", Revista de Ciencias de la Educación, Rosario, 1975, pp. 89-109

RAPOSO, R., *Terceiro setor ganha força na Sociedade*, IN Revista Informahle no. 11, Mogi Guaçu, 2002, pp. 10-11

ROMANELLI, O. O., "História da educação no Brasil: 1930-1973", Petrópolis: Vozes, 1984

ROSA, I. S., "Proposta de uma política de educação ambiental em nível mundial", Dissertação de mestrado, Rio Janeiro: FGV, 1992, pp. 38-66

SILVA, T. T., "Documentos de identidade", Belo Horizonte: Autêntica, 1999

SIMSON, O. R. M. von, *Som e imagem na pesquisa qualitativa em ciências sociais: reflexões de pesquisa*, IN BARROS, A. M. (org.), "Anais do seminário – Pedagogia da imagem, imagem na pedagogia", Niterói: Universidade Fluminense, Faculdade de Educação, Departamento de Fundamentos Pedagógicos, 1996, pp. 89-101

SIMSON, O. R. M. von, PARK, M. B. e FERNANDES, R. S., *Uma sondagem preliminar da atuação das instituições voltadas para a educação não-formal*, IN SIMSON, O. R. M. von, PARK, M. B. e FERNANDES, R. S. (orgs.), "Educação não-formal – cenários da criação", Campinas: Ed. da Unicamp / Centro de Memória, 2001

SOUZA, N. A., PARK, M. B., e FERNANDES, R. S., *Caminhos entre a prática e a reflexão: da angústia do pensar*, IN SIMSON, O. R. M. von, PARK, M. B. e FERNANDES, R. S. (orgs.), "Educação não-formal – cenários da criação", Campinas: Ed. da Unicamp / Centro de Memória, 2001

THOMPSON, E. P., *Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial*, IN
"Costumes em comum", SP: Cia. das Letras, 1998, pp.267-304

THOMPSON, E. P., "A miséria da teoria", Rio de Janeiro: Zahar, 1981, pp. 182

9. ANEXOS

ANEXO 1 - QUESTIONÁRIOS

ANEXO 1A - ROTEIRO ALUNOS

O q. os alunos pensam ser o objetivo da empresa (reformular ou transformar, marketing, benefícios financeiros) ?

aluno 1:

aluno 2:

aluno 3:

grupo:

Quais os objetivos pessoais dos alunos (reformular ou transformar, emprego) ?

aluno 1:

aluno 2:

aluno 3:

grupo:

Qual a diferença entre a escola formal q. frequentam e a escola não-formal ?

aluno 1:

aluno 2:

aluno 3:

grupo:

Em que espaços sentem mais prazer ?

aluno 1:

aluno 2:

aluno 3:

grupo:

Em q. espaços sentem q. estão mais envolvidos nos processos de aprendizagem ?

aluno 1:

aluno 2:

aluno 3:

grupo:

Em q. espaço se sente mais respeitados e valorizados ?

aluno 1:

aluno 2:

aluno 3:

grupo:

ANEXO 1B - ROTEIRO P/ OS EDUCADORES

Qual o objetivo do espaço ?

educador 1:

educador 2:

educador 3:

Este objetivo está sendo alcançado ?

educador 1:

educador 2:

educador 3:

Qual o treinamento recebido p/ alcançar os objetivos ?

educador 1:

educador 2:

educador 3:

Quais as críticas / insatisfações em relação ao projeto ?

educador 1:

educador 2:

educador 3:

Quais as situações em q. teve dificuldades ?

educador 1:

educador 2:

educador 3:

Quais foram os momentos de insucessos e de sucessos ?

educador 1:

educador 2:

educador 3:

Qual o material de apoio ?

educador 1:

educador 2:

educador 3:

É usado ?

educador 1:

educador 2:

educador 3:

Há contra-verificação dos conteúdos ?

educador 1:

educador 2:

educador 3:

Qual a sua motivação pessoal ?

educador 1:

educador 2:

educador 3:

Quais os retornos pessoais ?

educador 1:

educador 2:

educador 3:

Qual a importância do espaço ?

educador 1:

educador 2:

educador 3:

Qual a diferença c/ a escola formal ?

educador 1:

educador 2:

educador 3:

Você tem conhecimento sobre educação não formal ? Usam conceitos desta educação (envolvimento, livre vontade) ?

educador 1:

educador 2:

educador 3:

ANEXO 1C - ROTEIRO P/ FORMARE / ROTEIRO P/ EMPRESA 1 / ROTEIRO P/ EMPRESA (MAIS ANOS DE FORMARE)

Qual o objetivo da Formare c/ este programa ? Da onde saiu a idéia de criação ?

Formare:

Empresa 1:

Empresa 2:

Este objetivo sofreu reformulações ?

Formare:

Empresa 1:

Empresa 2:

Qual o público alvo ?

Formare:

Empresa 1:

Empresa 2:

Há diploma, certificado oficial (emitido por algum órgão oficial ? MEC, Secret. Educação...)?

Formare:

Empresa 1:

Empresa 2:

A empresa tem algum benefício financeiro c/ este projeto ?

Formare:

Empresa 1:

Empresa 2:

Quem elaborou o currículo base (psicólogos, pedagogos, profissionais da empresa) ?

Formare:

Empresa 1:

Empresa 2:

Há um mínimo a ser cumprido deste currículo ?

Formare:

Empresa 1:

Empresa 2:

Como é controlada a aplicação deste currículo ?

Formare:

Empresa 1:

Empresa 2:

ANEXO 2 – MATERIAL DE TREINAMENTO PARA EDUCADORES

FORMARE

CURSO EDUCADOR - VOLUNTÁRIO

Missão

Desenvolver as potencialidades de jovens de populações de baixa renda para integrá-los à sociedade como profissionais e cidadãos.



FORMARE Educador-Voluntário

"Não nos importa saber sobre o que o aluno sabe, mas sim como ele utiliza o seu saber.

Isso para não perdemos a idéia de que estamos preparando-o para a vida."

Alfredo Vrúbel

FORMARE Educador-Voluntário

Formare em números

- ✓ 9 escolas operantes
- ✓ 24 escolas contratadas a partir de 2002
- ✓ 32 empresas parceiras
- ✓ 146 alunos em formação
- ✓ 180 funcionários - voluntários
- ✓ Mais de 560 jovens formados
- ✓ 85% dos formados trabalhando
- ✓ formado tem renda per capita triplicada em 3 anos

FORMARE Educador-Voluntário

Conceito



FORMARE Educador-Voluntário

Objetivos

- cidadão
= saber ser
- iniciação à profissionalização
= saber fazer

FORMARE Educador-Voluntário

ANEXO 2b – MATERIAL DE TREINAMENTO – continuação

Princípios

- público-alvo
- educadores voluntários
- articulação do pensar e do fazer

FUNDAÇÃO Educador-Voluntário

Público-alvo

- jovens entre 15 e 17 anos
- cursando a escola formal - 7ª série concluída
- potencial de desenvolvimento
- em situação de risco
- não ter tido acesso a cursos profissionalizantes
- não estar integrado ao mercado de trabalho
- não ser filho de funcionários
- não ter acesso aos bens culturais
- residir na região da escola

FUNDAÇÃO Educador-Voluntário

Perfil do aluno egresso

- capacidade para compreender e comunicar
- capacidade de operação no meio social
- criatividade para resolução de problemas
- capacidade de trabalho em equipe
- comportamento como cidadão responsável
- polivalência e multifuncionalidade

FUNDAÇÃO Educador-Voluntário

Definição do Curso

perfil do aluno
+
pesquisa de mercado
+
possibilidades da empresa
↓
Curso

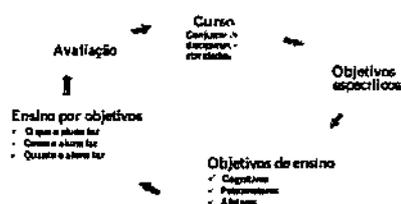
FUNDAÇÃO Educador-Voluntário

Cursos

- Assistente de Produção e Serviços
- Funileiro de Montagem Automotivo
- Mecânico de Montagem de Produtos
- Agente de Serviços Comerciais
- Agente de Serviços de Administração
- Operador de Produção Têxtil
- Mecânico de Máquinas de Embalagens
- Operador de Processamento de Alimentos
- Operador de Produção em Plástico
- Operador de Montagem de Placas Eletrônicas

FUNDAÇÃO Educador-Voluntário

Planejamento Curricular



ANEXO 2c – MATERIAL DE TREINAMENTO – continuação

Formato

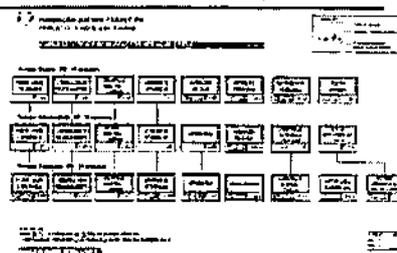
Curso anual com 803 horas compreendendo:

- Núcleo Comum que objetiva o resgate do cidadão produtivo;
- Núcleo Específico, voltado ao mercado de trabalho, incluindo o estágio supervisionado.

Após conclusão, é feita colocação no mercado e acompanhamento por 2 anos.



Grade Curricular



Prática Profissional

- otimizar a aprendizagem dos alunos
- melhorar o desenvolvimento de suas potencialidades
- estimular a criatividade e interesse pela profissão

FORNARE Educador-Voluntário

Programas especiais

- atividades extracurriculares internas (arte-educação, línguas, horta, música e teatro)
- atividades extracurriculares externas (visitas técnicas, culturais e de lazer)

FORNARE Educador-Voluntário

Espaço físico

- laboratórios: local de trabalho no qual a prática implementa a teoria
- 1º contato com o mundo do trabalho e espaço privilegiado que favorece formação profissional

FORNARE Educador-Voluntário

Assessorias e Avaliações

O Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná / CEFET-PR e a Fundação local avaliam duas vezes ao ano, assessoram e avaliam presencialmente as escolas, visando a certificação e o aperfeiçoamento do Projeto.



FORNARE Educador-Voluntário

ANEXO 2d – MATERIAL DE TREINAMENTO – continuação

Histórico Formare

- ✓ 1988/94 – Ensino técnico informal
- ✓ 1995/98 – Implantação de ensino profissionalizante não-formal
- ✓ 1999/01 – Convênio MEC / PROEP
- Fundação Iochpe
- Revisão técnico-pedagógica e disseminação do programa.

FORMARE Educador-Voluntário

Estrutura do Formare

Coordenação Geral
Fundação Iochpe

Coordenação Pedagógica
Centro Federal de Educação Tecnológica / Paraná

Coordenação Operacional
Empresa

FORMARE Educador-Voluntário

Coordenação da Escola

Coordenador

Agente Social Gestor Educacional

FORMARE Educador-Voluntário

Reconhecimento



Chancela
Institucional
UNESCO - Brasil

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL

Finalista do PRÊMIO
Fundação Banco do Brasil
de TECNOLOGIA SOCIAL



Programa de Expansão da
Educação Profissional/
MEC



Prêmio TOP Social
ADVB - SP - 1999

Educador - Voluntário

Perfil do Educador-Voluntário

- ✓ ser sensível aos aspectos sociais e educacionais
- ✓ visão de educação como processo dinâmico e interdisciplinar
- ✓ ter domínio do conteúdo a ser ministrado
- ✓ estar imbuído dos princípios filosóficos, metodológicos e pedagógicos do projeto

FORMARE Educador-Voluntário

ANEXO 2e – MATERIAL DE TREINAMENTO – continuação

Perfil do Educador-Voluntário

- ✓ ter criatividade para a busca de soluções
- ✓ ter facilidade de comunicação, de trabalho em equipe e relacionamento
- ✓ ter dinamismo e iniciativa
- ✓ ser receptivo para novos conhecimentos e técnicas
- ✓ ter visão positiva de mundo

FORPAA/1 Educador-Voluntário

Responsabilidades

- buscar a formação integral dos educandos
- desenvolver a disciplina dentro dos propósitos do curso
- buscar a interdisciplinaridade
- participar das reuniões e cursos preparatórios
- atender aos horários combinados

FORPAA/1 Educador-Voluntário

ANEXO 2f – MATERIAL DE TREINAMENTO – continuação

FORMARE CURSO PARA O EDUCADOR VOLUNTÁRIO

TEMAS

- Filosofia Formare e perfil do educador voluntário
- Educação tecnológica
- Perfil do jovem de hoje
- Desenvolvimento de competências
- Autoconceito, motivação e aprendizagem
- Ensino e aprendizagem
- Trabalho coletivo na escola
- Projetos interdisciplinares
- Disciplina e autoridade
- Avaliação da aprendizagem

FORMARE CURSO PARA O EDUCADOR VOLUNTÁRIO

Grandes transformações estão ocorrendo no ambiente de trabalho e esses cenários de transformações demandam um exercício profissional que não está mais vinculado ao aprendizado de controles e à competência para exercer tarefas fixas e previsíveis.

A formação, sobretudo no que diz respeito à educação tecnológica, deve estar orientada para o imprevisível e para uma nova competência, baseada na compreensão da totalidade do processo de produção.

A qualificação assume novas dimensões. Não se trata de preparar o indivíduo para executar procedimentos mecânicos, mas de adquirir capacidade para raciocinar sobre modelos produtivos, para compreender a realidade da produção, avaliando tendências e reconhecendo seus limites.

FORMARE CURSO PARA O EDUCADOR VOLUNTÁRIO

O que são competências e habilidades?

Competências são as modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que utilizamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer.

As habilidades decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano imediato do "saber fazer". Por meio das ações e operações, as habilidades aperfeiçoam-se e articulam-se, possibilitando nova reorganização das competências.

FORMARE CURSO PARA O EDUCADOR VOLUNTÁRIO

CONCEPÇÃO DE ENSINO E O PAPEL DO PROFESSOR

Antes o professor cabia apenas transmitir o conhecimento de forma pronta e acabada. Agora espera-se que ele seja o mediador entre os alunos e o conhecimento, facilitando a aprendizagem. Seu principal papel é, pois, o de orientar e guiar as atividades dos alunos, levando-os a aprender.

Ao mesmo tempo, aprender deixou de ser encarado como ato mecânico e repetitivo para ser entendido como um processo ativo, que requer tanto a (re)construção de novos conhecimentos como a de formas de pensar e tomar decisões.

FORMARE CURSO PARA O EDUCADOR VOLUNTÁRIO

Concepções de Ensino e Aprendizagem

Visão Tradicional	Visão Atual
Aluno passivo	Aluno ativo
Professor como detentor e transmissor do saber	Professor como "mediador" alguém que contribui ativamente para aproximar os alunos do conhecimento
Ênfase na memorização	Ênfase na exploração e descoberta
Meta: recepção e retenção dos conteúdos da aprendizagem, sem incorporar necessariamente uma visão crítica do mundo em que se vive	Meta: apropriação e compreensão dos conteúdos da aprendizagem, bem como desenvolvimento do raciocínio e do pensamento

FORMARE CURSO PARA O EDUCADOR VOLUNTÁRIO

PRINCÍPIOS DA APRENDIZAGEM

- 1 – A história pessoal do aluno deve ser considerada no processo de ensino
- 2 – O autoconceito do aluno influencia sua capacidade de aprender
- 3 – A aprendizagem deve ser significativa
- 4 – Aprender é mais motivador quando o aluno já tem alguma ideia do que está sendo ensinado e foi informado de como os novos conhecimentos podem fazer sentido em sua vida
- 5 – Elogios são uma arma poderosa para promover a aprendizagem dos alunos

ANEXO 2g – MATERIAL DE TREINAMENTO – continuação

FORMARE CURSO PARA O EDUCADOR VOLUNTÁRIO

6 - A aprendizagem vivenciada é duradoura

7 - Algumas aprendizagens precisam ser repetidas para serem dominadas, mas isto deve ser feito de forma inteligente e variada

8 - A aprendizagem é mais sólida quando se conhece os erros cometidos

9 - "Aprender a aprender" é fundamental para que o aluno conquiste autonomia

10 - O aluno deve ser sempre o centro do processo de ensino - aprendizagem

FORMARE CURSO PARA O EDUCADOR VOLUNTÁRIO

EDUCAÇÃO PARA MUDANÇA
O MUNDO MUDOU E A ESCOLA NÃO MUDOU.
E o papel do professor?

Espera-se que o professor do futuro consiga:

- oferecer um ensino personalizado, que respeite a maneira de aprender de cada aluno, variando as estratégias metodológicas, escolhendo conforme a sala ou a disciplina;
- ter flexibilidade de tempo para ensinar, pois uns aprendem mais rapidamente e outros, mais lentamente;
- dar uma abordagem prática e clara à matéria, baseada na coerência entre a realidade sociocultural dos alunos e o conteúdo;
- fazer uso da tecnologia tanto na parte administrativa, quanto na parte docente.

FORMARE CURSO PARA O EDUCADOR VOLUNTÁRIO

Projeto educativo é um plano de trabalho integrado, estruturado a partir de interesses e necessidades compartilhados por educadores e educandos, de forma planejada e orientada, visando atingir necessidades e resolver problemas reais

Principais características de um bom projeto educativo

- 1- Tem a intenção de resolver um problema ou concretizar uma tarefa surgida do interesse dos alunos
- 2- É preparado pelos educandos e educadores de forma conjunta
- 3- Está organizado segundo duas ordens de exigência: a motivação grupal e as demandas curriculares
- 4- Parte do mais familiar ao aluno, do mais conhecido, para o que ele ainda não conhece

FORMARE CURSO PARA O EDUCADOR VOLUNTÁRIO

- 5- A participação dos alunos pode e deve acontecer em todas as etapas do desenvolvimento da iniciativa.
- 6- O controle e a avaliação são de todo o grupo, cabendo ao educador coordenar o processo
- 7- Está mais ligado ao presente e ao futuro. Visa melhorar as condições existentes para gerar uma situação futura. A bagagem cultural do passado, no entanto, pode e deve ser valorizada.
- 8- Além dos recursos formais, utiliza-se fortemente da criatividade pessoal, institucional e comunitária.
- 9- Pensadas por todos, as atividades são distribuídas segundo a aptidão, a disponibilidade e as possibilidades de cada um

FORMARE CURSO PARA O EDUCADOR VOLUNTÁRIO

- 10 - Avaliam-se os resultados de acordo com os impactos obtidos na situação ou problema que gerou o projeto, assim como em todos os demais envolvidos em termos de experiências, conhecimentos, valores, atitudes, habilidades e compromissos
- 11- Geralmente, concluem-se com a colocação em comum de tudo o que ocorreu entre todos os participantes, que analisam e refletem sobre a parte de cada um e sobre o todo, buscando aprender com a experiência, tirando lições para o futuro

O papel do educador na implementação de projetos educativos junto a educandos adolescentes

- papéis básicos,
- papéis complementares.

Ponto de vista

Stephen Kanitz



Minha amiga, a irmã Lina

Eu conheço uma verdadeira santa. Não é todo mundo que tem esse privilégio. Vou contar como a conheci, para que todos façam o mesmo e descubram outras santas escondidas por aí.

Trinta anos atrás criei um prêmio para as melhores empresas do país, o Melhores e Maiores. Decidi então criar o Prêmio Bem Eficiente, para entidades beneficentes. Alice Carta levou-me para conhecer uma entidade superséria, e quando cheguei lá ouvi a palavra lepra (hanseníase). Fiquei em pânico, queria sair dali o mais rápido possível. Foi quando a vi pela primeira vez.

É uma religiosa de 81 anos, que há 49 veio jovem da Itália cuidar dos hansenianos do Brasil. Perdeu 9 quilos na viagem e ainda se esqueceram de buscá-la quando desceu do navio.

Na época existia uma lei de confinamento para as pessoas portadoras desse mal — todas eram obrigatoriamente enclausuradas num asilo, em Guarulhos. Era uma prisão perpétua, e ninguém queria cuidar deles, nem amigos nem parentes, com exceção da irmã Lina.

Não dando importância ao fato de que provavelmente também contrairia a doença, ela viveu ali cuidando de mais de 1.000 hansenianos, onde ficou nada menos que trinta anos se dedicando a eles.

A história não pára por aí. Com os avanços da medicina da época, o mal foi quase erradicado, e isso permitiu que a irmã Lina mudasse de preocupação (o problema ainda é grave em algumas regiões do país). Então, ela criou uma creche para os filhos de hansenianos e dedicou-se a eles por mais dezenove anos, até ficarem adultos. Não satisfeita, ela tem uma entidade que cuida de 500 crianças abandonadas, uma das mais eficientes que já vi. As crianças são felizes, têm uma auto-estima que raramente vejo nos alunos das escolas de bairro.

Tive o privilégio de conferir, por duas vezes, o Prêmio Bem Eficiente a sua instituição, e ela será nova-

mente contemplada, no dia 14 de maio, mas isso não é mais notícia. Hoje, a grande moda é premiar empresas socialmente responsáveis, não entidades que há muito vêm fazendo o bem sem alarde. Já existem dez prêmios para empresas com nomes como A Empresa Cidadã, A Empresa Social, A Empresa Responsável.

Antigamente, marketing social era o que as entidades faziam para aparecer. Agora significa tornar empresas socialmente visíveis a todo custo. Doar anonimamente, como rezam todas as religiões, nem pensar.

A filantropia por parte de empresas vem caindo ano a ano, porque muitas preferem montar o próprio instituto com o nome da marca da empresa. Em vez de uma Fundação Bill Gates, no Brasil privilegiam-se a "marca" e o marketing da empresa. Ao se decidirem por um projeto próprio, muitas companhias preferem não mais apoiar causas como a hanseníase, a prostituição infantil, o abuso sexual, a velhice, a cegueira, considerados "mercadologicamente incorretos".

Departamentos de marketing de empresas "socialmente responsáveis" acham melhor apoiar causas como educação, crianças ou ecologia. Criança é mais fotogênica que idoso ou leproso. Empresa não quer, nem pode, ter sua marca associada a um problema social "mercadologicamente incorreto", e quem perde são os mais necessitados.

Não bastasse tudo que a irmã Lina já fez pelo Brasil, longe de sua família e da ajuda do governo italiano, ela luta agora para salvar seu hospital, em Guarulhos, que vem mantendo com muito esforço.

Já pediu a Deus e a todo mundo os 3 milhões de reais de que precisa para completar o que será sua última obra.

Não vou dar o nome de sua instituição, seu endereço nem seu nome completo, porque quero que todos saiam e procurem os milhares de santas que ainda temos por aí, desconhecidas, esquecidas e cada vez mais abandonadas.

Obrigado a todas as irmãs Linas por tudo o que fazem por este país.

"Hoje, a grande moda é premiar empresas socialmente responsáveis, não entidades que há muito vêm fazendo o bem sem alarde"



Stephen Kanitz é administrador (www.kanitz.com.br)

SOBRE RESPONSABILIDADE E MARKETING SOCIAL

Folha de São Paulo 12/11/2002
 E-mail: anexo4@folha.com.br
 Fone: (11) 3112-4321

CLASSIFICADOS

Serviço de atendimento
 ao assinante:
 (11) 3112-4320

FOLHA NEGÓCIOS

PÁGINA E9 * SÃO PAULO, DOMINGO, 24 DE NOVEMBRO DE 2002

TERCEIRO SETOR Entidades sem fins lucrativos ampliam a atuação com a abertura de franquias mantidas por empresas

ONGs viram adeptas do franchising social

REDAÇÃO

De um lado, empresários preocupados em investir nos conceitos de marketing e responsabilidade social. Do outro, instituições do terceiro setor à procura de parceiros que facilitem o seu crescimento. E, para unir os dois interesses, um novo termo começa a ganhar espaço: a franquia social.

O conceito — que tem várias semelhanças com o modelo comercial, amplamente adotado por redes de fast food e lojas de cosméticos, entre outros — tem por base a aplicação das mesmas ferramentas do franchising, só que para projetos sem objetivo de lucro.

É o caso de ONGs (organizações não-governamentais) com trabalhos reconhecidos que transferem sua tecnologia, marca e experiências a entidades franqueadas, em diversos pontos do país, em geral cobrando uma taxa de serviço de manutenção em contrapartida.

"Os modelos são os mesmos dos de uma franquia, com regras a cumprir e royalties em troca de assessoria constante e transferência de conhecimento. A diferença é que não há um vínculo comercial", descreve Fernando Creditis, presidente da Parceiros da Vida, da área de marketing social.

No atacado

Na avaliação da empresária Viviane Senna, presidente do Instituto Ayrton Senna, a maior vantagem do método é a construção de novas tecnologias de desenvolvimento social que permitam "replicar sem reinventar a roda".

"A franquia social traz um patamar mais sofisticado ao terceiro setor, compatível com a demanda no Brasil, em que os problemas existem por atacado, mas são combatidos no varejo, ou seja, por meio de projetos isolados."

Além de dar maior visibilidade às instituições que fazem os projetos sociais, permitindo sua expansão, o franchising vem trazendo também a atenção das empresas.

"Muitos empresários querem patrocinar, mas ficam com medo de investir em projetos que dão errado. As franquias com histórias de sucesso tornam mais fácil a decisão", diz a consultora Ana Vecchi, sócia da Vecchi & Ancona Consulting e coordenadora do Comitê de Franquia Social da USP (Universidade de São Paulo).

A advogada tributarista Fabiana Del Padre Tomé, 26, do escritório de advocacia Barros Carvalho, cita os benefícios fiscais como outra facilidade dessas franquias. "O investimento pode ser abatido no cálculo do Imposto de Renda."

Já para o presidente da Mahle Metal Lwv, Claus Hoppen, 47, que investiu em duas franquias do Projeto Formare (educação de jovens), a maior vantagem foi "a motivação dos funcionários que se tornaram voluntários".

Hambúrguer

Mesmo com a disseminação do conceito de franquia social entre ONGs e empresas do setor privado, ainda não é possível dizer que se trata de um mecanismo já amplamente aceito no terceiro setor. Entre as dificuldades apontadas, está a resistência de algumas instituições à introdução do franchising no segmento social.

"Existe um paradigma por parte de quem pensa que franquia é sinônimo de hambúrguer. Mas, se dá para multiplicar hambúrgueres que fazem dinheiro, por que não usar o conceito para o bem?", indaga Ana Vecchi. Para desfazer a dúvida do apelo comercial das franquias, foram criadas outras terminologias, como a substituição de "lucro" por "resultado".

Objeção cresce com existência de superávits

REDAÇÃO

A utilização dos recursos financeiros, como o lucro, ainda mais numa metodologia em que são cobradas taxas de serviços e mensalidades para manutenção dos projetos, é outro empecilho para a aceitação sem restrições das franquias sociais.

"O que deve ficar claro é que o franqueado não vai ter para si um possível lucro, e que esse não é o objetivo", alerta Guilherme de Farias Shirashi, 25, que criou um plano de negócios para o Projeto Curumim (lojas que vendem itens de ONGs).

"A obrigação do lucro existe, mas não o financeiro, pois o que for superávit deve ser reinvestido no próprio sistema", explica Eduardo Gomar dos Santos.

Para alguns, o próprio conceito de franquia social apresenta desvantagens, como a dependência, às vezes exagerada, da franqueada em relação à ONG "matriz".

"Ter de cumprir as regras da franqueadora e até enviar recursos para ela dificulta, ainda mais no começo. Sem contar que as empresas estão diminuindo de tamanho, o que torna difícil conseguir espaço para franquias", diz Carmen Cabral Franco, da Empresa & Programa Educar (profissionalização de jovens), originada de uma franquia social.

ALGUMAS ENTIDADES FRANQUEADORAS



ARTE DESPERTAR
 ■ Área de atuação: oficinas de arte e cultura (artes plásticas, teatro, expressão corporal, literatura e música) em hospitais e comunidades carentes
 ■ Taxas de serviços: variam conforme o projeto
 ■ Informações: 0800/11/3245-3349 ou pelo site: www.artedespertar.org.br



EDUCAFRO
 ■ Área de atuação: curso pré-vestibular para alunos de baixa renda, sobretudo para estudantes negros, indígenas e de origem nordestina
 ■ Taxas de serviços: contribuição mensal de R\$ 1 por aluno para manutenção
 ■ Informações: 0800/11/3106-3411 ou pelo site: <http://membrointermega.com.br/educafro>



PROGRAMA AMPLIAR
 ■ Área de atuação: profissionalização de adolescentes de baixa renda, de acordo com a demanda da região em que é instalada
 ■ Taxas de serviços: nenhuma
 ■ Informações: 0800/11/5591-1281



CDS
 ■ Área de atuação: escolas de informática e cidadania para jovens de baixa renda (de 12 a 30 anos)
 ■ Taxas de serviços: para o empresário, o custo de manutenção é de R\$ 9.600 por ano; entre os requisitos, está o de ter um funcionário trabalhando em tempo integral
 ■ Informações: www.cdi.org.br



CASA DA CRIANÇA
 ■ Área de atuação: reforma e decoração de entidades que dão suporte a crianças carentes
 ■ Taxas de serviços: a escolha da entidade é feita pelo Instituto Ayrton Senna, empresários da área de construção civil, arquitetura e decoração podem colaborar com os projetos
 ■ Informações: <http://sema.zjlobo.com/institutoayrtonsema/>



PROJETO CURUMIM
 ■ Área de atuação: lojas e quiosques de produtos feitos por ONGs, como papelaria, bonecos e artesanatos que utilizam o conceito ambientalmente correto (só para ONGs)
 ■ Taxas de serviços: não divulgadas
 ■ Informações: 0800/11/4411-5800



CREH
 (Centro de Recuperação e Educação Nacional)
 ■ Área de atuação: combate à desnutrição infantil, por meio de atendimento diário à comunidade
 ■ Taxas de serviços: R\$ 500 mil para construção de uma unidade e R\$ 400 mil de manutenção anual
 ■ Informações: 0800/11/5594-3301 ou pelo site: www.unifesp.br/suplem/creh



PARCEIROS DA VIDA
 ■ Área de atuação: consultoria de plano de comunicação e marketing para ONGs e empresas (responsabilidade social)
 ■ Taxas de serviços: percentagem sobre patrocínios (não especificada); é preciso haver profissionais de comunicação e infra-estrutura básica, como sala com telefone e computador
 ■ Informações: 0800/11/3341-7195



PROJETO FORMARE
 Fundação Topper
 ■ Área de atuação: cursos profissionalizantes em nível básico dentro das empresas, ministrados por funcionários voluntários
 ■ Taxas de serviços: há um valor mensal não divulgado, para o fundo de desenvolvimento do projeto
 ■ Informações: 0800/11/3060-8358



PROJETO PESCAR
 ■ Área de atuação: educação de jovens de baixa renda dentro de empresas
 ■ Taxas de serviços: não divulgadas
 ■ Informações: 0800/11/3350-3356

EXCEPCIONALMENTE HOJE NÃO É PUBLICADA REPORTAGEM SOBRE EMPREGOS

O ônus do ócio

Estudo revela que trabalhadores aposentados são mais suscetíveis à depressão

ANTONIO R. FAVA

faiva@unicamp.br

Educação, trabalho assalariado, aposentadoria e depressão. Estudo para tese de doutorado do professor e psicólogo Jaime Lisandro Pacheco mostra que indivíduos com formação educacional unicamente voltada para o trabalho assalariado têm grandes possibilidades de desenvolver sintomas depressivos, depois de se aposentarem.

O pesquisador explica que a depressão ocorre depois que vem a aposentadoria. Isso porque, de acordo com os estudos de Jaime, o indivíduo é condicionado a valorizar o trabalho, especialmente o fabril, que se desenvolve de maneira repetitiva, controlada e pouco criativa, no qual o cidadão tem que exercer sua tarefa de maneira mais rápida, precisa e sem questionamento. As principais instituições que cuidam da educação do homem – a família e a escola – costumam repassar ao indivíduo o conceito, quase imposto, de que o trabalho assalariado “é a forma mais plausível de se realizar enquanto ser humano”.

Para elaborar sua tese, Jaime investigou, por meio de método biográfico, a vida de oito pessoas – três homens e cinco mulheres – com escolaridade, classe social, etnia, idade, estado civil, domicílio e níveis de renda diferentes. Depois da análise dos dados, chegou à conclusão que, após a aposentadoria, os homens apresentaram sis-

tematicamente mais sintomas depressivos do que as mulheres.

“Elas revelaram, por diversas razões, ter poder e maneiras de enfrentar a vida de não-trabalho assalariado de forma mais positiva que os homens. Entre elas, por exemplo, a de poderem continuar responsáveis pelo trabalho doméstico e, por isso mesmo, com menor risco de desenvolver sintomas depressivos pela falta do trabalho assalariado”, explica Jaime. O estudo veri-

ficou, no entanto, que as mulheres negras, mais pobres e analfabetas também não apresentaram sintomas que revelassem um quadro de depressão, após deixarem de trabalhar. Em contrapartida, os sujeitos do grupo investigado – homens e mulheres – que tiveram uma educação formal mais rígida e em consonância com a educação familiar de valorização do trabalho assalariado, como a única maneira de realização do ser humano, começaram a apresentar sintomas significativos de depressão, quando tiveram que se aposentar.

Oláia, 96 anos, viúva, analfabeta, doméstica, negra, e Augusta, de 84, viúva, também analfabeta e negra, são dois indivíduos analisados por Jaime que, de acordo com suas histórias de vida, em momento algum apresentaram sinais de depressão após terem parado de trabalhar. O fato de não terem frequentado a escola “parece ter conservado a espontaneidade e a criatividade para

enfrentar as situações de exploração a que foram submetidas e, por consequência, impedindo-as de sofrerem os males provocados pela depressão”, ressaltou o pesquisador. As outras três mulheres e os três homens investigados, todos escolarizados, com diferentes graus de instrução e em escolas diferenciadas segundo a origem social de cada um, revelaram sinais consideráveis de depressão em diferentes graus, direta ou indireta-

mente ligados à impossibilidade de continuarem a trabalhar da forma para a qual foram educados.

O trabalho assalariado foi internalizado, para a maioria desses sujeitos, como o valor mais expressivo de suas vidas. “O mais im-

portante do trabalho da tese, contudo, é a discussão sobre o entendimento das relações complexas de como, pela educação familiar e escolar, se constrói o futuro dos seres humanos que envelhecem”, acredita o professor.

Jaime Pacheco é autor da tese de doutorado *Educação, trabalho e envelhecimento: estudo das histórias de vida de trabalhadores assalariados focalizando as relações com a escola, com o trabalho e com os possíveis sintomas depressivos após a aposentadoria*, defendida no último dia 11 (quarta-feira), na Faculdade de Educação (FE), sob orientação da professora Olga von Simson.

Homens apresentaram mais sintomas depressivos do que as mulheres

JORNAL UNICAMP Nº 191, 9 NOV 11, SEMANA 23-29 SET/02

Resumo TCC II - Faculdade de Educação

Título: O ESPAÇO CHAMADO FORMARE E A EDUCAÇÃO NA EMPRESA

Autor: Jenai Olmos, RA991908

Orientadora: Professora Doutora Olga Rodrigues de Moraes Von Simson.

Resumo:

O tema da pesquisa gira em torno de um espaço educacional oferecido por algumas empresas dentro de suas próprias instalações. Este espaço tem o nome de Formare. Os objetivos e instrumentalização destes espaços são organizados por uma entidade externa às empresas que se chama fundação Iochpe-Maxion. A fundação detém o "know-how" e vende o projeto educacional Formare às empresas, nomeando tal iniciativa de uma franquia social. Segundo a fundação e as empresas, as suas preocupações centrais estão na desigualdade social e nas iniciativas que elas poderiam oferecer para diminuir tais problemas sociais. Esta preocupação das empresas em dar algum apoio e retorno à comunidade de seu envolvimento com a sociedade é uma tendência atual dentro das corporações por elas mesmas denominada de "Responsabilidade Social" mas que os críticos rotulam de "Marketing Social".

Assim, o espaço educacional Formare é dirigido aos adolescentes menos privilegiados da comunidade sendo um pré-requisito de seleção que estes jovens não sejam filhos de funcionários, que estejam frequentando a escola formal e que residam nas proximidades da empresa.

O objetivo da pesquisa é estudar as transformações que os processo educacionais vem sofrendo no contexto atual, quais os interesses não declarados das empresas em promoverem tais iniciativas e como o mundo do trabalho interfere e molda a educação para formar seus futuros profissionais. Para ajudar nas análises decorrentes da observação do espaço Formare, foram utilizados os conceitos de educação formal e não formal que foram fundamentais para aclarar os processos educacionais que estavam em andamento durante a pesquisa. Também foram analisadas as formas como funcionários da empresa são transformados em educadores voluntários a partir de uma preocupação com os jovens de sua classe social de origem e através de rápido treinamento, trazendo assim, à empresa, um sobre-trabalho muito bem capitalizado pela corporação empresarial em forma de marketing social.

Palavras-chave: Educação na empresa, educação não-formal, responsabilidade social, marketing social, espaço Formare.